

Secularização e desencantamento na universidade: o caso dos estudantes de graduação da UFU

Lilian Queiroz da Silva

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.
Autora da pesquisa que deu origem a este artigo. E-mail: lilianqueiros@gmail.com

Antonio Ricardo Micheloto

Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professor do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFU.
Orientador da pesquisa aqui relatada. E-mail: micheloto@fafcs.ufu.br

Resumo

O artigo descreve e analisa os principais resultados de uma pesquisa realizada com os alunos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, tendo como foco a religião/religiosidade desses alunos, com ênfase nos processos de secularização e desencantamento na sociedade brasileira contemporânea. O estudo, a partir de referenciais teóricos da sociologia da religião, caracteriza, de forma mais específica, o grau de afastamento em relação às formas religiosas institucionalizadas, concentrando-se no segmento dos “sem religião” e nas suas motivações, bem como nas concepções dos alunos a respeito de Deus, ciência e práticas mágicas. Procurou-se, na investigação, verificar a existência ou não de relação entre esse afastamento e a vinculação dos alunos a áreas diversas de formação acadêmica.

Palavras-chave: Religião. Religiosidade. Secularização. Desencantamento do mundo.

Abstract

The article aims at describing and analyzing the main results of a research project that targeted undergraduate students at Universidade Federal de Uberlândia, regarding their religion and religiousness, with an emphasis on secularization and disenchantment processes in contemporary Brazilian society. While grounded on key theoretical references in the field of sociology of religion the work seeks to provide a picture of students' rejection of religious institutions by focusing on non-religious groups. The intention was to capture both their motivations and their conceptions about God, science and magical practices. Ultimately, the study attempted at finding out whether or not there is a connection between such a rejection and students' different academic backgrounds.

Keywords: Religion. Religiousness. Secularization. Disenchantment of the world.

Introdução

Não constituem novidade as grandes mudanças por que vem passando, na sociedade brasileira, o universo das crenças e das práticas religiosas. Tais mudanças, cujos aspectos quantitativos podem ser avaliados através dos Censos Demográficos do IBGE, a partir de 1970, aceleraram-se dramaticamente na década de 1991/2000. Analisando-se o quadro abaixo, constatam-se claramente três tendências principais: 1) a significativa diminuição percentual da população que se declara adepta da religião majoritária, ou seja, o catolicismo (de 83 para 76,3%); 2) o grande salto relativo dos seguidores das religiões evangélicas (de 9 para 15,4%); e 3) a surpreendente

expansão do segmento populacional que se autodefine “sem religião” (de 4,7 para 7,4%).

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

Do ponto de vista sociológico, tais números expressam, na superfície, alguns processos de ordem qualitativa que estão ocorrendo, ainda que em ritmos diferenciados segundo as regiões do país, no conjunto da sociedade. A primeira daquelas transformações, qual seja, o declínio do catolicismo como “religião do povo brasileiro”, associa-se ao processo de destradicionalização, que afeta, de forma mais ou menos acelerada, as instituições da sociedade, deslocando algumas delas da posição central que outrora ocupavam.¹ A segunda transformação, complexa em suas razões, algumas das quais ligadas ao chamado “mercado religioso”, exprime-se também como uma forma de “reencantamento do mundo”, na medida em que uma boa parte das religiões evangélicas recém-adotadas, principalmente as neopentecostais, se caracteriza pela incorporação, em suas crenças e práticas, de componentes mágicos.² A última das mudanças referidas suscita várias interpretações, como chama a atenção Novaes: o que significa, afinal, ser “sem religião”? Pode significar tanto uma situação transitória, fruto da própria destradicionalização, na qual a pessoa perdeu sua confiança na religião de sua família, mas ainda permanece “religiosa” num sentido amplo, estando à procura de outra filiação institucional. No extremo oposto, pode significar uma adesão definitiva ao secularismo e ao ateísmo. Entre essas, outras situações, nuançadas, se interpoem.³

Esse incremento no número de pessoas “sem religião”, descrito, mas não esclarecido, no Censo do IBGE, e as reflexões propiciadas pelos autores da sociologia da religião, principalmente Max Weber, constituíram o ponto de partida de uma pesquisa realizada, em 2007,

junto aos alunos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia. A escolha desse segmento específico da população como objeto de investigação deveu-se à hipótese geral, então levantada, de uma possível relação entre as opções religiosas dos indivíduos e a busca de explicações ancoradas no conhecimento científico e acadêmico propiciado pelos vários cursos da Universidade. Esta foi considerada uma questão em aberto, sem se assumir uma postura de absoluto confronto entre religião e ciência. Por outro lado, evidenciou-se desde o início que uma investigação do grau de afastamento dos indivíduos em relação à religião também mostraria, como de fato ocorreu, a proporção do apego ou adesão explícita às crenças ou práticas religiosas.

A pesquisa foi realizada em nove cursos de graduação da UFU, sendo três em cada grande área do conhecimento acadêmico. Procurou-se selecionar cursos representativos e, ao mesmo tempo, diferenciados dentro de cada área. Da área de Ciências Humanas, foram selecionados os cursos de Ciências Sociais, Filosofia e Artes Visuais. Da área das Ciências Exatas, os cursos de Física, Engenharia Química e Engenharia Civil. Da área de Ciências Biológicas, os cursos de Biologia, Medicina Veterinária e Agronomia. Em cada curso, foram tomados como informantes os alunos do primeiro e último períodos. A eles foi submetido um questionário com 14 questões e respostas fechadas. A resposta ao questionário foi dada na própria sala de aula, num tempo determinado, e abrangendo todos os alunos presentes. No total, foram processados 483 questionários, distribuídos conforme a tabela abaixo.

Tabela 1. Número de alunos pesquisados por curso e por período

	Ciências sociais	Artes Visuais	Filosofia	Física	Eng. Química	Eng. Civil	Veterinária	Biologia	Agronomia
Primeiro período	38	12	39	25	39	33	29	32	38
Último período	22	9	17	8	37	20	34	16	35

Antes de apresentarmos os principais resultados obtidos na pesquisa, com os respectivos comentários,

precisamos esclarecer, ainda que de forma sucinta, os fundamentos teóricos do estudo feito na UFU.

¹ Nosso conceito de destradicionalização baseia-se principalmente em Giddens. (GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991).

² Aqui, nossa referência é, principalmente, Mariano, R. (MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999)

³ NOVAES, R. Os jovens sem religião: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. *Estudos Avançados USP*, São Paulo, vol. 18, n. 52, 2004. p. 321-330

Secularização e desencantamento do mundo

Os conceitos aqui tratados são relacionados entre si e até certo ponto complementares, embora conservem, cada um deles, um significado próprio. São conceitos teóricos, referidos, contudo, a um mesmo contexto histórico posto em discussão: a modernidade e seus impactos no campo das crenças e práticas religiosas.

A teoria da secularização sustenta que na sociedade moderna, a fé e as práticas religiosas entraram em declínio. De acordo com Peter Berger, a secularização seria um processo no qual setores da sociedade e da cultura são retirados da dominação das instituições religiosas e de seus símbolos⁴, afetando tanto a sociedade e a cultura como as consciências individuais. Berger considera, ainda, a modernidade como uma mutilação dos conteúdos religiosos da sociedade. Como exemplo, temos a perda da influência das igrejas cristãs em áreas antes dominadas por elas, o crescimento da ciência como uma perspectiva secular e o diminuto conteúdo religioso na literatura, nas artes e na filosofia.

Autores como Weber, Berger e, no Brasil, Pierucci, defendem a noção de que o protestantismo desempenhou um papel particular no processo de secularização, pois reduziu os elementos do sagrado, a saber, o mistério, o milagre e a magia, de suas práticas num processo captado no conceito de “desencantamento do mundo” desenvolvido por Weber⁵.

Pierucci distingue duas variações de tal conceito: o desencantamento do mundo pela religião, que significaria desmagificação, ou seja, um triunfo da racionalização religiosa, um ganho de religião moralizada, e o desencantamento do mundo pela ciência, que significaria perda de sentido, ou seja, uma racionalização intelectualista conseguida através da ciência e da técnica cientificamente orientada⁶.

No entanto, Pierucci considera como núcleo duro do conceito o primeiro dos significados aqui referidos, que denomina de “semântica religiosa”. Assim, no que tange ao desencantamento do mundo pela religião, facilmente percebemos a diferença conceitual entre desencan-

tamento do mundo e secularização, pois, de acordo com Pierucci, desencantamento não significa perda para a religião nem perda de religião, como a secularização e, sim, um triunfo da racionalização religiosa, um ganho de religião moralizada no confronto com o universo da magia.

Entretanto, quanto à relação entre secularização e desencantamento do mundo pela ciência, nota-se certa equivalência de sentidos. O desencantamento do mundo pela ciência se mostra vinculado à idéia de racionalização intelectualista, num processo de perda de religião para a ciência e, tal como a secularização, implica um afastamento da religião, uma emancipação em relação a ela, ou seja, acarreta uma redução do *status* religioso.

De acordo com esta última argumentação, a secularização seria o resultado de um processo histórico-religioso de desencantamento do mundo e, conforme Nobre, haveria um mundo duplamente desencantado⁷, na forma de duas etapas históricas, que se sucedem, ou seja, primeiro a religião desalojou a magia e nos entregou o mundo natural “desdivinizado” e, nos tempos modernos, chegou a ciência e desalojou a metafísica religiosa.⁸

Se a modernidade alimentou o debate, ainda não encerrado, sobre o desencantamento e a secularização, afetando o status e a própria continuidade do fenômeno religioso, a chamada “pós-modernidade” trouxe novidades e algumas complicações para o entendimento do assunto. Em que pese a ausência de consenso em torno desta expressão — pós-modernidade — geralmente admite-se que as sociedades ocidentais encontram-se num processo de transição, no qual as certezas do passado, inclusive aquelas expressas nos conceitos sociológicos clássicos, estão sendo abaladas. Num contexto marcado pelo declínio dos imperativos coletivos e pela exacerbação do individualismo⁹, afloram teses como as da dessecularização ou pós-secularização e do reencantamento do mundo, que tentam captar fenômenos como a revitalização e a multiplicidade das formas religiosas, assim como a reintrodução de elementos mágicos nas práticas religiosas e/ou no cotidiano dos indivíduos.

Essas novas posturas teóricas não negam os processos de desencantamento e secularização, mas afirmam o seu

⁴ BERGER, P. L. *O dosel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião*. Tradução de José Carlos Barcillos. São Paulo: Paulus, 1985.

⁵ *Idem*.

⁶ PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo, todos zopazos do conceito em Max Weber*. São Paulo: 34, 2003.

⁷ NOBRE, R. F. Entre passos firmes e tropeços. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 19, n. 54, São Paulo, Fevereiro, 2004.

⁸ Pierucci, *Op cit*.

⁹ Este é o entendimento de Bauman, Z. (2001).

caráter não-linear e apontam a ocorrência de inflexões. Assim, Negrão, por exemplo, diz que tais processos tanto podem refluir quanto intensificar-se.¹⁰

No primeiro caso, o do refluxo da secularização, assiste-se, em certas sociedades ou camadas sociais determinadas, ao reforço extraordinário das filiações e da influência religiosa de maneira geral. Oliveira atribui esse fato às lacunas da própria modernidade: “O fracasso do mercado em reger de maneira justa as relações sociais e a incapacidade da ciência em responder a todos os anseios dos homens, abriram espaço para a religião mostrar que ainda tem força.”¹¹

Vários estudiosos têm mostrado que essa revitalização da religião se dá principalmente através da multiplicação das manifestações e formações religiosas, os chamados *new religious movements*. Ou seja, as instituições tradicionais são as que mais perdem, em número de adeptos e influência. Variando de sociedade para sociedade ou de uma situação histórica para outra, contudo, as próprias tradições são reforçadas. São exemplos: a recuperação da imagem do papado, o impacto televisivo dos evangélicos tradicionalistas e o fundamentalismo islâmico com suas repúblicas teocráticas.¹²

A sociedade brasileira ilustra bem a complexidade da chamada pós-modernidade, em que se misturam elementos da tradição com transformações trazidas pela modernidade, as inquietações coletivas com a explosão das demandas individuais, o passado com o futuro que se anuncia. Para Negrão, há no Brasil um claro descompasso entre os processos de desencantamento e secularização. Não se pode negar que o país secularizou-se e continua secularizando-se em muitas áreas da existência pública e privada. Basta ter em vista a presença da ciência e dos processos racionalizantes de conduta em muitos setores, deslocando por completo a religião e a magia. Por outro lado, não se pode afirmar que a sociedade brasileira desencantou-se, pois o encantamento sobrevive, segundo aquele autor, no plano das mentalidades e continua influenciando, enquanto busca de sentido

mágico/religioso, no cotidiano das pessoas.¹³

Há de se considerar, ainda, outro aspecto, levantado por Portella: a secularização pode manifestar-se não como perda absoluta de influência da religião na sociedade, não como um processo “de menos religião, mas de menos instituição, de menos regulação institucional, de menos influência das tradições no seio da sociedade, do Estado, dos indivíduos.”¹⁴ Este aspecto, certamente, tem a ver com o caráter individualizante das relações na pós-modernidade. Em face do declínio do poder regulatório das instituições religiosas tradicionais, abre-se um espaço para composições particulares, por parte dos indivíduos, que recriam seu universo de crenças a partir de fragmentos das tradições. Um exemplo dramático disso é a eclosão, no Brasil e em outras sociedades, de movimentos do tipo Nova Era.¹⁵

Esta discussão remete, também, à distinção entre religião e religiosidade. Na clássica formulação de Georg Simmel, a religião diz respeito a determinados conteúdos de crença que se tornam sociais quando se inscrevem em comunidades específicas, nas famílias e no próprio Estado. Já o que o autor chama de formas religiosas seriam categorias *a priori* da experiência histórica, correspondentes a uma dimensão transversal do fenômeno humano, operando em toda a espessura da realidade social, cultural e psicológica. A religiosidade corresponde a estas formas, expressando uma qualidade funcional da humanidade, presente em cada indivíduo, de forma mais rudimentar ou mais desenvolvida. Isto significa que um indivíduo pode ser “religioso”, sem necessariamente filiar-se a uma religião organizada.¹⁶

Acreditamos que, à luz dessas considerações teóricas, podemos analisar os principais resultados da pesquisa realizada junto aos alunos de graduação da UFU. É o que faremos na seção seguinte.

A pesquisa na UFU: principais resultados

A pesquisa entre os alunos de graduação da UFU foi

¹⁰ NEGRÃO, L. N. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo: USP, 1996.

¹¹ Oliveira, F. (2005) OLIVEIRA, F. L. O campo da sociologia das religiões: secularização versus a “revanche de Deus”. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, Florianópolis*, vol. 2, n. 2, 2005.

¹² Exemplos citados por PIERUCCI, A. F. *Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 37 (13), 1998, p. 4.

¹³ O autor chama a isso de “persistência do sagrado no caso do Brasil”. Negrão, L. *Op. cit.*

¹⁴ PORTELLA, R. *Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade. Da ciranda entre religião e secularização*. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, 2006, p. 79.

¹⁵ A Nova Era foi magistralmente estudada por Leila Amaral em seu *Carnaval da Alma* (2000).

¹⁶ Simmel. G. Cf. RIBEIRO, J. C. George Simmel, pensador da religiosidade moderna. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, Ano 6, 2006.

realizada no período de abril a maio de 2007, durante o período letivo. Além das questões específicas, o questionário incluiu as variáveis sexo, trabalho, identidade étnica, estado civil e idade. Quanto à renda da família dos alunos, o baixo número de respostas não permitiu o

seu aproveitamento. O cruzamento de algumas dessas variáveis com as opções religiosas dos alunos será considerado neste artigo, sempre que se mostrar relevante.

1. Religião dos alunos ingressantes

Tabela 2. As religiões dos alunos dos primeiros períodos de cada curso em números absolutos e porcentagens

	Ciências sociais	Artes Visuais	Filosofia	Física	Eng. Química	Eng. Civil	Veterinária	Biologia	Agronomia
Católicos	718%	650%	821%	1040%	2667%	1649%	1656%	1753%	1847%
Espíritas	1026%	217%	615%	312%	615%	412%	310%	413%	25%
Sem religião	1848%	325%	1743%	520%	615%	927%	724%	1031%	1232%
Outros	38%	18%	821%	728%	13%	412%	310%	13%	616%

Como se pode verificar na tabela acima, a UFU recebe em seus cursos alunos de filiação religiosa variada. Nota-se a forte presença das religiões tradicionais, como o catolicismo e o espiritismo, sendo pequena a representação dos evangélicos, históricos ou da opção pentecostal, e dos afro-brasileiros. A porcentagem de católicos, contudo, varia segundo os cursos. Nos cursos de Engenharia Química, Biologia e Veterinária a porcentagem de alunos católicos ultrapassa os 50%, sendo 67%, 53% e 56% respectivamente. No geral esta religião é bem representada entre os alunos de primeiros períodos, onde só não é maioria nos cursos de Filosofia e Ciências sociais, nos quais a quantidade de alunos católicos não ultrapassa os 20%. A porcentagem de católicos chega a 50% dos alunos do curso de Artes Visuais, 49% do curso de Engenharia Civil, 47% do curso de agronomia e 40% do curso de Física. Em todos os casos, contudo, a porcentagem de católicos é inferior à sua representação na população brasileira como um todo (73,6% em 2000).

Um dado se destaca na tabela que estamos examinando: a presença dos alunos ingressantes que se declaram “sem religião”. Eles constituem 48% do curso de Ciências Sociais, 43% do curso de Filosofia, 32% do curso de Agronomia, 31% do curso de Biologia, 27% do curso de Engenharia Civil, 25% do curso de Artes Visuais, 24% do curso de Veterinária, 20% do curso de Física e 15% do curso de Engenharia Química. Embora tais números

captam um determinado momento da vida universitária, é possível levantar, pelo menos como hipótese, uma tendência: as porcentagens dos “sem religião” superam, em todas as áreas de formação acadêmica, a média equivalente da população brasileira como um todo (7,4%, de acordo com o Censo de 2000). No exame da próxima tabela, veremos que essa configuração dos dados pode não ser definitiva. As diferenças percentuais entre os cursos pesquisados devem-se a fatores desconhecidos, que só uma pesquisa posterior poderá revelar, mas pelo menos uma conclusão se impõe: os cursos da área de Humanas, particularmente Ciências Sociais e Filosofia, atraem mais os alunos “sem religião”, o que, talvez, esteja ligado à disposição inicial dos alunos que buscam esses cursos, à sua procura de explicações alternativas para a realidade em que vivem. Por outro lado, a proporção também alta de “sem religião” em cursos da área de Biologia e Ciências Exatas pode estar ligada ao apelo “científico” desses cursos. Uma investigação mais aprofundada, incluindo outros cursos, confirmará ou não essas hipóteses.

2. Os “sem religião”: ingressantes e formandos

A tabela seguinte nos permite avançar no entendimento dessa problemática.

Tabela 3. Porcentagens dos alunos sem religião

	Ciências sociais	Artes Visuais	Filosofia	Física	Eng. Química	Eng. Civil	Veterinária	Biologia	Agronomia
Primeiro período	48%	25%	43%	20%	15%	27%	24%	31%	32%
Último período	43%	22%	41%	27%	37%	25%	21%	13%	6%

Conforme a tabela acima, o percentual de alunos que se declaram sem religião é significativo em todos os cursos e períodos, exceto no último período do curso de agronomia, no qual apenas 6% dos alunos se declaram sem religião, número esse inferior à média da população brasileira. Outro fato notável no exame da tabela é o decréscimo nas percentagens dos “sem religião” dos primeiros para os últimos períodos de quase todos os cursos. Somente nos cursos de Física e Engenharia Química o número de “sem religião” é maior nos últimos períodos, em Física temos 20% dos alunos “sem religião” no primeiro período e 27% no último, já no curso de Engenharia Química são 15% no primeiro e 37% no último. Nos cursos da área de Ciências Humanas, apesar de o percentual dos “sem religião” ser maior nos primeiros períodos, o percentual dos últimos períodos é muito próximo: 48% no primeiro período de Ciências Sociais e 43% no último, 25% no primeiro período de Artes Visuais e 22% no último e 43% no primeiro período de Filosofia e 41% no último período. Os cursos que apresentam a maior diferença entre primeiro e último períodos são os cursos de Biologia e Agronomia que apresentam 31% e 32% de alunos “sem religião” respectivamente no primeiro período e 13% e 6% nos últimos períodos

respectivamente.

Certamente, tal decréscimo na percentagem dos alunos sem religião não se deve à influência exercida pelos cursos em si mesmos. Uma hipótese é de que a condição de sem religião é mais forte entre os alunos mais jovens, possivelmente por serem menos comprometidos com a adesão a crenças e/ou a instituições religiosas. Considerando que a média de diferença de idade entre os alunos do primeiro e último período é de 5 anos, conforme os dados colhidos na pesquisa, pode-se atribuir a menor percentagem de alunos sem religião nos últimos períodos ao fator de maturidade associado à idade. É provável que a condição de sem religião não signifique uma opção definitiva, mas uma tendência provisória que se concilia a um período de incertezas vivido pelos alunos. De fato, esta é apenas uma hipótese que precisa ser retomada em estudos posteriores, mais aprofundados.

3. Os “sem religião”: homens e mulheres

Segue as tabelas com as percentagens das opções religiosas dos alunos do primeiro período separados por sexo.

Tabela 4. Religião dos alunos dos primeiros períodos da área de Ciências Humanas por sexo

Ciências Humanas	Homens	Mulheres
Católicos	18%	27%
Espíritas	18%	22%
Sem religião	56%	35%
Evangélicos	3%	14%

Tabela 5. Religiões dos alunos dos primeiros períodos da área de Ciências Biológicas por sexo

Ciências Biológicas	Homens	Mulheres
Católicos	51%	57%
Espíritas	6%	15%
Sem religião	39%	17%
Evangélicos	4%	8%

Tabela 6. Religiões dos alunos dos primeiros períodos da área de Ciências Exatas por sexo

Ciências Exatas	Homens	Mulheres
Católicos	46%	62%
Espíritas	11%	19%
Sem religião	27%	12%
Evangélicos	9%	7%

De acordo com as tabelas 4, 5 e 6 em todas as áreas acadêmicas a percentagem de alunos sem religião do sexo masculino supera a percentagem das mulheres sem religião. Outro dado que ressalta, nas mesmas tabelas, é a maior presença das alunas nas religiões tradicionais. Os dois casos, provavelmente, estão ligados aos padrões culturais da sociedade brasileira, fomentadores das divisões de gênero. Mas esta é uma questão que demanda uma outra investigação, de ordem qualitativa, mais aprofundada.

4. Os motivos dos “sem religião”

Como vimos na introdução, a expressão “sem religião” encobre variadas situações pessoais que justificariam, segundo os pesquisados, o afastamento em relação a crenças ou práticas religiosas. Uma situação concebível é aquela em que o indivíduo tem religiosidade, por mínima que seja, porém não se filia, pelo menos no momento, a nenhuma instituição religiosa particular. Na pesquisa, procuramos captar essa situação com a alternativa de resposta “posso religiosidade própria, sem vínculo com igrejas”. Outra situação remete à admissão da ausência de crenças religiosas de qualquer espécie e, portanto, o afastamento consciente das instituições (“não frequento nenhuma igreja e não possuo crenças religiosas”). Uma terceira situação esclarece, apenas, o desinteresse ou as dificuldades em participar das instituições religiosas, deixando na sombra a existência de crenças específicas (“não tenho tempo e/ou interesse em frequentar igrejas”); em todo o caso, fica claro que, mesmo que existam, tais crenças se encontram enfraquecidas. A pesquisa deu espaço aos entrevistados para que expusessem “outras” razões, diferentes das citadas.

Certamente, em investigações desse tipo, devido ao grau de subjetividade envolvido, não se pode esperar correspondência exata entre as respostas dos entrevistados e as causas reais das opções religiosas ou não religiosas. Mesmo assim, alguns padrões nas respostas revelam-se significativos do ponto de vista sociológico.

Os dados reunidos levaram à constatação de que em todos os cursos da UFU e em quase todos os períodos investigados, o motivo mais alegado pelos alunos “sem religião” — em alguns casos numa proporção bem superior a 50% — é o de que possuem religiosidade

própria, sem vínculos com igrejas. A exceção é o curso de Filosofia, onde os alunos sem religião do último período (9º) declaram majoritariamente (66%) não frequentar nenhuma igreja nem possuir crenças religiosas.

Qual o significado do primeiro dado, ou seja, o predomínio dos alunos que se afastam das instituições religiosas estabelecidas, muito embora mantenham algum tipo de religiosidade?

Tal dado pode ser desdobrado em alguns aspectos principais interligados. Primeiramente, fica claro o enfraquecimento das instituições religiosas e a inadequação entre a vida moderna e as tradições religiosas representados pelo afastamento dos jovens destas instituições. No entanto, tal afastamento significa mais perda de religião institucionalizada do que perda de religiosidade. Assim, conforme a distinção feita por Simmel entre religião e religiosidade, já explicitada anteriormente, vemos que um indivíduo pode ser “religioso”, sem necessariamente filiar-se a uma religião organizada, pois a “*dimensão metafísica, aquela que transcende o indivíduo, está contida na religiosidade humana... [no entanto,] a religiosidade subjetiva não garante a existência de uma esfera metafísica para além dela*”¹⁷. Outro ponto, que reforça a inadequação entre a vida moderna e as tradições religiosas é que, como veremos adiante, a idéia de “deus” pregada pelas instituições tradicionais está sendo abandonada. Entre os pesquisados, mesmo os que declararam participar de alguma instituição religiosa mantêm uma imagem divina, ou seja, uma concepção de deus, diferente das pregadas pelas religiões das quais participam. O que nos leva a um último aspecto referente à secularização: esta ocorre de forma incompleta, ou pelo menos não ocorre como um fenômeno de menos religião, ou seja, a secularização se manifesta como perda parcial de influência religiosa na sociedade, representando o enfraquecimento das instituições, mas há permanência das composições particulares de crenças religiosas, ainda que diferentes das pregadas pelas instituições.

5. Deus na concepção dos alunos

A questão do afastamento em relação às instituições religiosas, esboçada na seção anterior, parece não esgotar-se na postura dos alunos “sem religião”. Uma

¹⁷ Cf. RIBEIRO, J.C. *Op.cit.*

pergunta incluída no questionário procurou levantar as concepções dos alunos, com ou sem religião, a respeito de Deus. A razão do procedimento era saber em que medida o Deus — ou os deuses — concebido(s) pelos alunos correspondia(m) ou não correspondia(m) às divindades configuradas pelas instituições religiosas. A não correspondência poderia sinalizar outro tipo de afastamento institucional, em que não há rejeição das religiões organizadas, como um todo, mas uma recusa

parcial de suas doutrinas. Foi considerado um amplo espectro de imagens/concepções de Deus, variando da aceitação plena de um ser superior e criador do mundo à recusa plena de qualquer entidade transcendente ou ateísmo.¹⁸

A distribuição percentual das várias categorias de respostas foi sintetizada na tabela a seguir.

Conforme a tabela, os alunos com concepção de Deus

Tabela 7. As concepções de Deus dos alunos por curso¹⁹

	Ciências sociais	Artes Visuais	Filosofia	Física	Eng. Química	Eng. Civil	Veterinária	Biologia	Agronomia
Deístas	4%	9,5%	3%	4%	6,5%	8,5%	8%	8%	7%
Teístas	13,5%	18%	16,5%	28%	25%	33,5%	17,5%	28,5%	42,5%
Politeístas	1,5%	0	0	0	1,5%	1,5%	0	0	0
Panteístas	43%	60%	42%	25,5%	45%	33%	54%	53%	23,5%
Agnósticos	15,5%	4%	11%	12,5%	14,5%	7%	11%	3%	12,5%
Ateus	20%	8,5%	21,5%	0	7,5%	16,50	6,5%	7,5%	12%

panteísta formam maioria em quase todos os cursos. As exceções são os cursos de agronomia, no qual a maioria possui concepção teísta, e engenharia civil, no qual a concepção panteísta se iguala ao percentual de alunos teístas. Outro dado significativo na tabela é o percentual de ateus e agnósticos, que apesar de não formar maioria em nenhum curso, é representativo. Os destaques são os cursos de Ciências Sociais e Filosofia, nos quais o percentual de ateus e agnósticos, somados, ultrapassa 30%.

Como vimos nas seções anteriores, os católicos ainda formam maioria entre os jovens em quase todos os cursos. Para comparação desses dados, foram quantificadas, também, as concepções de Deus de alunos que se declararam católicos. O resultado não foi diferente do apresentado no geral. Em todas as áreas de conhecimento o percentual de alunos com concepção panteísta formou maioria. Entre os alunos católicos da área de Ciências

Humanas, 56% escolheram a concepção panteísta, da área de Ciências Exatas, 39% e da área de Ciências Biológicas, 42%. Foram constatados, ainda entre os católicos, alunos que se declararam ateus e agnósticos. Na área de Ciências Humanas, 5% de ateus e 5% de agnósticos, na área de Ciências Exatas, 6% de ateus e 9% de agnósticos e na área de Ciências Biológicas, 8% de ateus e 6% de agnósticos.

Esses dados mostram que a concepção de Deus da maioria dos alunos de todas as áreas não corresponde à pregada pela instituição à qual pertencem. Tal fenômeno nos levou a pensar em uma filiação religiosa nominal, advinda talvez de pressões familiares devido à tradição, assim, os jovens se declaram pertencentes a uma dada instituição sem, no entanto, se importar em participar ativamente ou pelo menos conhecer as doutrinas pregadas.

¹⁸ As alternativas foram apresentadas de forma indireta, através de frases simples cujo conteúdo remetia ao sentido mais ou menos consensual, no meio acadêmico, das várias concepções a respeito de Deus: 1) *Deus é um só. É o princípio ou causa do universo, mas não interfere de forma alguma naquilo que acontece no mundo.* (deísmo); 2) *Deus é um só. É princípio ou causa do universo. Ele mantém a ordem do mundo, mas está disposto, através d providencia, a atender às solicitações dos que forem merecedores.* (teísmo); 3) *Existem vários deuses. Cada um deles tem sua própria maneira de ser e de interferir no mundo, possuindo uma esfera própria de atuação.* (politeísmo); 4) *Deus é uma força que se manifesta em todo o universo. É a essência de todas as coisas e de todos os seres.* (panteísmo); 5) *Não podemos afirmar coisa alguma sobre Deus ou deuses, pois nosso conhecimento desse assunto não nos dá certeza de nada.* (agnosticismo); 6) *Deus é apenas uma idéia ou uma crença criada pelos humanos. Sua existência não pode ser provada pela razão e/ou pela ciência.* (ateísmo).

¹⁹ Notam-se na tabela alguns cursos em que a somatória dos percentuais não chega a 100%. Os números restantes são referentes aos alunos que não informaram suas concepções de Deus, a saber, 2,5% dos alunos do curso de Ciências Sociais; 6% dos alunos do curso de Filosofia; 3% dos alunos do curso de Veterinária e 2% dos alunos do curso de Física.

6. Relações entre religião, ciência e magia

As concepções teóricas a respeito da secularização remetem, como se viu, à possibilidade de substituição da religião pela ciência. A idéia de desencantamento refere-se à perda do sentido mágico do mundo — um processo que teria começado com as religiões mais racionalizadas e se completado com o triunfo da ciência na modernidade. Alguns argumentos foram apresentados para mostrar que, na realidade, esses processos não seguem uma trajetória linear e contínua. Os alunos da universidade são, por suposto, os que mantêm um contato mais estreito com as matérias científicas e racionais. Como eles concebem as relações entre a ciência de maneira geral e as suas opções no terreno religioso? Por outro lado, que atitudes manifestam quanto aos conteúdos mágicos de certas crenças e práticas? Essas duas questões nortearam a inclusão no questionário de perguntas específicas, visando à constatação do grau de dissociação ou de conciliação entre os valores científicos e os religiosos, na perspectiva dos alunos, bem como da sobrevivência ou não de crenças mágicas entre eles.²⁰

No que se refere às formas de se conhecer o mundo, a maioria dos alunos pesquisados, em todos os cursos, considera a ciência como uma forma racional de conhecimento do mundo, mas não despreza outras formas de conhecimento ou de percepção do mundo. Na área de Ciências Humanas, por exemplo, 78% dos alunos optaram por esta alternativa. No curso de Ciências Sociais, esta é a opção de 89% dos alunos do primeiro período e de 86% dos alunos do último período. No curso de Filosofia, são 79% e 70% respectivamente. Em outras áreas e cursos, as percentagens são menores, mas não deixam de ser significativas, apontando para a mesma conclusão: o conhecimento científico obtido na uni-

versidade não afasta os alunos de crenças religiosas ou de outras formas transcendentais de conhecimento, ou seja, eles conciliam o saber científico com suas religiosidades particulares.

Com respeito à questão das crenças de caráter mágico²¹, o questionário aplicado apresentou aos alunos algumas afirmações, diante das quais deveriam assinalar se estavam ou não de acordo ou, então, se não tinham certeza. As afirmações diziam respeito a certas concepções sobre o poder mágico de certos seres ou coisas, humanos ou não, de influir, para o bem ou para o mal, na vida das pessoas. Não se focalizaram as práticas mágicas inseridas em algumas religiões, mas as atitudes gerais, de aceitação ou não, da existência dessa força oculta. A não certeza quanto ao assunto foi considerada evidência de uma meia crença em poderes mágicos.

Da combinação entre as respostas dadas pelos alunos foi possível elaborar um perfil das suas crenças mágicas.

O dado que mais chamou a atenção foi a elevada percentagem alcançada pela “meia crença”, ou seja, uma postura de quem não assume a crença na magia, mas também não a descarta totalmente. É a postura, por exemplo, de 84% dos alunos do primeiro período de Ciências Sociais. Mas que também se mostra alta, superando os cinquenta por cento, em todos os outros cursos e períodos. É surpreendente, por exemplo, a marca de 80% de meio crentes no primeiro período de Física e 75% no último período do mesmo curso, justamente o curso de física, uma das áreas mais “científicas”.²² Num outro exemplo, o último período do curso de Filosofia, 53% dos alunos admitem meia crença, mas uma percentagem também elevada, 41%, admite plenamente as crenças mágicas.

No extremo oposto, ou seja, na faixa dos que se declaram céticos quanto aos recursos mágicos, destacam-

²⁰ No questionário distribuído entre os alunos as opções referentes às formas de se conhecer o mundo eram: 1) *A ciência é a única forma de conhecimento racionalmente aceitável que temos a respeito do mundo natural e do mundo social. Não se pode acreditar em algo que a ciência não possa provar*; 2) *A ciência é uma forma de conhecimento racional do mundo natural e social. No entanto, há outras formas de conhecimento, baseadas na razão e/ou na percepção humana, que possibilitam o acesso à verdade sobre o mundo*; 3) *O conhecimento fundamental que temos sobre o homem e a natureza nos é dado pela palavra e pelas manifestações divinas. Deus concede aos homens a capacidade de complementar esse conhecimento através da ciência e*; 4) *O verdadeiro conhecimento a respeito do homem e da natureza não é obtido através da ciência, mas através da palavra e das manifestações de Deus*.

²¹ Não se assumiu, na pesquisa, uma postura de oposição absoluta entre religião e magia, embora os especialistas admitam diferenças relevantes. Tomamos como referência a conceituação de Pierucci: a crença mágica pressupõe a existência de seres que são capazes de controlar forças ocultas e influenciar as leis da natureza através de rituais; em face dessa crença pode-se assumir uma atitude de plena aceitação ou de ceticismo, no caso da recusa de toda interpretação mágica da desgraça ou da felicidade; mas é possível também a meia crença, que é a atitude de quem ao mesmo tempo acredita e desacredita. (PIERUCCI, A.F. *A magia*. São Paulo: Publifolha, 2001)

²² O resultado pode não ser tão surpreendente se aceitarmos a tese de alguns antropólogos que consideram a magia uma passagem para a ciência, uma vez que ambas tratam de relações entre forças e vinculam causas e efeitos. Sem entrar no mérito da tese, preferimos nos concentrar no aspecto sociológico da questão, considerando, com Durkheim, que a magia não chega a formar um sistema específico de crenças, podendo, contudo, como mostra Marcel Mauss, estar presente em vários setores da vida social. A magia tem a sua “eficácia”, como constata Levi-Strauss, entretanto uma eficácia diferente daquela da ciência.

se o primeiro e o último períodos do curso de Engenharia Civil (36% e 35% respectivamente) e do curso de Agronomia (34% e 31% respectivamente), assim como o último período do curso de Biologia (31%). Ressalte-se que, em nenhum desses casos, o ceticismo é majoritário entre os alunos.

Qual a relevância sociológica desses dados? Faltam-nos informações que permitam um aprofundamento da questão. Há indícios, contudo, de uma tendência importante: apesar da tese weberiana do desencantamento e da perda do conteúdo mágico do pensamento ocidental, as crenças de caráter mágico exibem sua força entre os jovens universitários, mesmo entre os que não possuem religião declarada (a magia teria uma atração maior que a religião?) ou que são adeptos de religiões que não são favoráveis a práticas mágicas. De qualquer forma, as crenças mágicas não desapareceram, convivendo, como os dados evidenciam, com áreas do conhecimento penetradas pela razão e experimentação científicas. Isso, sem dúvida, tem algo a ver com o caráter incompleto, contraditório, dos processos de desencantamento e secularização na sociedade brasileira atual.

Considerações finais

À luz dos dados levantados, concluímos primeiramente que a percentagem significativa de alunos *sem religião* não traduz, necessariamente, um fortalecimento do ateísmo e/ou agnosticismo entre esses alunos, mas expressa um enfraquecimento das instituições tradicionais produtoras de sentido, ou seja, muitos desses jovens exibem um repertório particular de crenças religiosas e mágicas, não se identificando com os conteúdos doutrinários de nenhuma religião específica.

No entanto, com a existência uma minoria de alunos que se declararam ateus ou agnósticos, mesmo entre os que se afirmaram pertencentes a alguma religião, constatamos que de fato há uma tendência ao afastamento da idéia de Deus, ou seja, podemos pensar tanto no distanciamento da idéia institucional de Deus como também da crença em Deus, pois apesar de se mostrar em menor grau, o número de alunos que se declaram ateus e agnósticos foi significativo. Entretanto, é provável que tal distanciamento não signifique uma opção definitiva, mas uma tendência provisória. Isso porque, estes alunos ateus e agnósticos encontram-se maio-

ritariamente, assim como os sem religião, nos primeiros períodos.

Quanto às concepções particulares de Deus manifestadas pelos alunos, evidenciou-se a existência de uma filiação religiosa nominal, especialmente entre os católicos, responsável pelo distanciamento em relação aos conteúdos doutrinários. Essa aparente incongruência constatada nas respostas dos jovens, provavelmente, é decorrente de pressões familiares para a adesão do jovem à religião da família, não implicando numa adesão profunda às crenças sustentadas pelas instituições.

No que tange ao conhecimento científico, verificou-se certa conciliação entre esse tipo de conhecimento e as crenças religiosas, constatando-se que o contato com os conteúdos das ciências não afeta de maneira significativa as opções religiosas ou a religiosidade dos alunos.

Considerando o processo de secularização tal como teorizado por sociólogos como Max Weber e Peter Berger, concluímos que tal processo ocorre, no entanto, de uma maneira não linear, nem irreversível, ou seja, de fato os jovens se afastam das religiões institucionalizadas por um período de suas vidas e a religião passa a ser íntima e não necessita mais prestar contas a uma instituição; entretanto, tal afastamento das instituições não é definitivo, ele pode tanto intensificar-se quanto refluir.

O mesmo vale para a crença ou não-crença em divindades, confirmando os argumentos de Alister McGrath, ao mostrar como a crença em Deus variou historicamente de conteúdo, muitas vezes se reproduzindo fora do âmbito das igrejas instituídas, e como o próprio ateísmo, triunfante nos séculos XVIII e XIX, pode estar em refluxo nos tempos pós-modernos.²³

Assim, podemos considerar que o processo de secularização, da forma que ocorre não provoca o fim da religião ou das sensibilidades religiosas, ou seja, a religião não termina com a secularização, numa dinâmica em que, ao mesmo tempo em que se esgota, ressurgue sob novas e inesperadas formas.

Referências

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*.

²³ McGRATH, Alister. *The twilight of atheism: the rise and fall of disbelief in the modern world*. London (UK): Rider, 2004.

- Tradução de Raul Fiker. S. Paulo: Unesp, 1991.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. S. Paulo: Loyola, 1999.
- McGRATH, Alister. *The twilight of atheism: the rise and fall of disbelief in the modern world*. London (UK): Rider, 2004.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- NOBRE, Renarde Freire. Entre passos firmes e tropeços. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol.19 no.54, São Paulo: Fev. 2004.
- NOVAES, R. Os jovens sem religião: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. *Estudos Avançados USP*, São Paulo: v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.
- OLIVEIRA, F. L., O campo da sociologia das religiões: secularização versus a “revanche de Deus”. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*, Florianópolis v. 2, n. 2., 2005.
- PIERUCCI, A. F. *Bye bye, Brasil*. O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados USP*, São Paulo: v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- _____, *A magia*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- _____, *O desencantamento do mundo, todos os passos do conceito em Max Weber*. S.Paulo: 34, 2003.
- _____, Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 37 n. 13, p. 43-73. 1998.
- PORTELLA, Rodrigo. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-modernidade. Da ciranda entre religião e secularização. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo: n. 2 / 2006 / p. 71-87. 2006.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna. *Revista de Estudos da Religião*. n. 2. Ano 6, 2006.
- SILVA, LÍlian Queiroz. *Secularização e desencantamento: um estudo da religião/religiosidade dos alunos de graduação da UFU*. 2007. 100 f. Monografia (Curso de Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.